

Acordos ignoram vontade de eletores

Alguns acordos regionais, se não já surpreenderam o eleitor, deverão fazê-lo depois de apurados os resultados das sursnas.

No Rio de Janeiro, prepara-se uma trapaça eleitoral que destina-se a iludir a 'boa fe' dos eleitores do PDT. O antropólogo Darcy Ribeiro (foto) é um candidato ao Senado que certamente será eleito, mas não deverá exercer o mandato, nem ao menos por um dia. Ele será nomeado secretário de Educação e Cultura do provável futuro governador Leonel Brizola, com a tarefa específica de terminar os CIEPs, ou brizóleas.

No lugar de Darcy deverá sumir a cadeira do senador pelo Estado do Rio o seu suplente, o atual líder do PDT na Câmara Federal Doutel de Andrade. Doutel, um antiquíssimo aliado de Brizola, desde os tempos do antigo PTB pré-64, não teria chances de se eleger deputado pelo Estado do Rio.

No início do ano, em conversa com amigos, Doutel lamentava-se pelo risco da derrota eleitoral justamente por causa das coligações feitas pelo PDT fluminense: 'Imaginem só eu, com toda a minha história pessoal e política, posso perder a eleição por causa daquele rapazinho verde', disse, referindo-se a Fernando Gabeira, que poderia disputar uma vaga na Câmara pela coligação que seu Partido Verde faria com o PDT.

caso, não fosse declarado extinto pelo TSE.

No Rio Grande do Norte, o imóvel que aconteceu:

uma coligação dos clãs Maia e Alves com os Maia. É verdade que participa apenas a parte mais frágil economicamente dos Maia, a Representada pelo senador Lavoisier Maia e sua mulher Wilma Maia, prefeita de Natal, ambos do PDT. Os ddios romperam com o senador José Agripino, candidato a governador pelo PFL, e com o patriarca Tarcísio Maia (irmão de Lavoisier), e coligaram-se com os Alves, do patriarca Aluizio Alves, inimigos tão tradicionais quanto mortais. Lavoisier quis, no começo do ano, indicar o vice na chapa encabeçada por José Agripino.

Agripino bateu pé e insistiu no nome do jovem deputado Flávio Rocha, milionário (dono das Lojas Riachuelo) e capaz de arcar com uma parte generosa dos custos da campanha.

Lavoisier irritou-se, aliou-se aos Alves e vai disputar o governo com o primo, em uma chapa que tem o sobrinho de Aluizio Alves, Garibaldi Alves, do PMDB, como candidato a senador praticamente único, já que Carlos Alberto (PDC/PFL)



e Cortês Pereira foram impugnados pelo TRE.

No Paraná, a vítima foi o deputado Hélio Duque, do antigo autêntico extinto MDB, e que migrou do PMDB para o PDT. Neste processo migratório, fechou-se o acordo PSDB/PDT, que teria como cabeça-de-chapa o senador José Richa para o governo estadual e Hélio Duque para o Senado.

O acordo não foi cumprido e o PSDB impôs o deputado Ta deu Flanca para compor a chapa como candidato a senador, deixando Hélio Duque sem possibilidades de retornar ao Congresso. E que ele já havia indicado vários nomes de aliados para formar a chapa de deputados federais e, eticamente, recusou-se a substituir qualquer um deles e entrar na disputa.

Ma nem só de acordos regionais se movimenta a política nestes tempos pré-eleitorais.

Já estão em disputa os cargos de presidente da Câmara e do Senado (que também é o de presidente do Congresso). Na Câmara, se o PMDB fizer maioria, o nome mais forte para a Presidência é o de (mais uma vez) Ulysses Guimarães. Se o partido majoritário for o PFL, os candidatos são o líder do partido, Ricardo Fiúza, e o vice-líder do governo, Humberto Souto.